



Revista

Sinepe·ES

Sindicato das Empresas Particulares de Ensino
do Estado do Espírito Santo

EDIÇÃO 18 - ANO 8 - ABRIL 2022

PÁG 16

Abri! Azul

*Do visível ao invisível:
nasce outra educação*

PÁG 24

**Sinepe/ES
integra o projeto
#SerEleitor**

PÁG 28

**Conheça o projeto
Tampinha do Bem**

PÁG 20

**Entrevista com o
médico capixaba
Thangy Friço**



Do visível ao invisível:

NASCE OUTRA EDUCAÇÃO



**JANE
PATRICIA
HADDAD**

*Mestre em Educação,
conferencista e psicanalista*

**GUILHERME
ALMEIDA**

*Doutorando
em Educação
pela Unicamp,
conferencista e
criador do Coletivo
Autismo Unicamp*

Em primeiro lugar, quero agradecer ao Sinepe/ES pelo convite feito para que eu compartilhasse minhas reflexões acerca de uma educação que acolhe e escuta o sujeito que muitas vezes está silenciado em seu diagnóstico ou mesmo em seus comportamentos considerados desajustados ao padrão normal estabelecido pelas escolas. Por falar em acolhimento e cenário atual, vocês já conhecem os últimos dados da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre o autismo?

Ela considera que cerca de 2% da população mundial – um em cada 44 crianças

– apresenta algum traço do Transtorno do Espectro do Autismo. Por onde andam essas crianças e jovens? Muitas estão em nossas escolas, universidades, escritórios e empresas, outras estão à margem da sociedade, excluídas, por não serem mais parecidos com outros, os “normais”.

Realmente, frente a esses dados, jamais seremos os mesmos. Então seremos diferentes? O que é ser diferente? Está aí uma boa questão para o debate entre escolas e a sociedade. Somos diferentes em nossa subjetividade, somos diferentes em nossas semelhanças,

viemos de diferentes famílias, histórias, desejos, até pensamos diferente e, mesmo assim, entre tantas diferenças, continuamos tentando classificar e catalogar pessoas em iguais e normais.

Nos dois últimos anos a humanidade dividiu um sentimento único apesar das diferenças sociais, sanitárias e humanitárias: dividimos o medo, medo de morrer, medo de jamais voltarmos ao nosso "normal", então começamos a falar de um tal "novo normal". Novo normal? Não havia nada de normal, o mundo já estava doente em sua indiferença ao diferente. As crises nos espremiam até que transbordamos o que nós temos em nossos corações e, em algum momento, acreditei que seríamos pessoas melhores, mas o que notei é que as pessoas generosas, empáticas e afetuosas aumentaram seu nível de cuidado e compaixão pelas pessoas e pelo mundo a sua volta, enquanto as pessoas mais duras apenas se tornaram mais fechadas em seu próprio mundo. Aqui cabe uma reflexão individual sobre o que cada um de nós aprendeu sobre si na pandemia e se sua transformação melhorou o que era bom ou trouxe mais dureza para o que já era árido.

Muito mais do que nós aprendemos sobre o que a vida fez

de nós, devemos decidir o que faremos com o que a vida fez de nós. "O importante não é o que fazemos de nós, mas o que nós fazemos daquilo que fazem de nós". Jean Paul Sartre.

Portanto, nesse momento, o convite é acolher nossas falhas, reescrever nossas rasuras e rever nossa educação para que a humanidade em cada um de nós não se extinga. Por isso, busco em Hannah Arendt o conceito acerca da educação contemporânea – texto esse que problematiza a essência da educação como um todo.

"A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele", acrescentando que "a educação é, também, onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante



para não expulsá-las de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos".

Para Arendt, educar em sua essência é acolher as crianças em um mundo que existe antes de seu nascimento, pois, historicamente, o que demonstra o quão avançados somos como civilização é nosso compromisso de cuidado e afetuosidade não apenas com nossos filhos, mas com todas as gerações futuras.

Portanto, cabe a nós a seguinte questão: que mundo nós estamos dispostos a apresentar aos nossos alunos e alunas? Eu e meu amigo, educador e pesquisador Guilherme Almeida, queremos apresentar um mundo de outra perspectiva, nem certo nem errado, apenas diferente, visto por ele, um menino homem diferente, dono de uma sensibilidade e determinação que eu jamais tinha visto nos últimos anos, até o dia do nosso encontro, onde ele me esperava no aeroporto e me conduziria

para um lindo debate sobre educação e currículo.

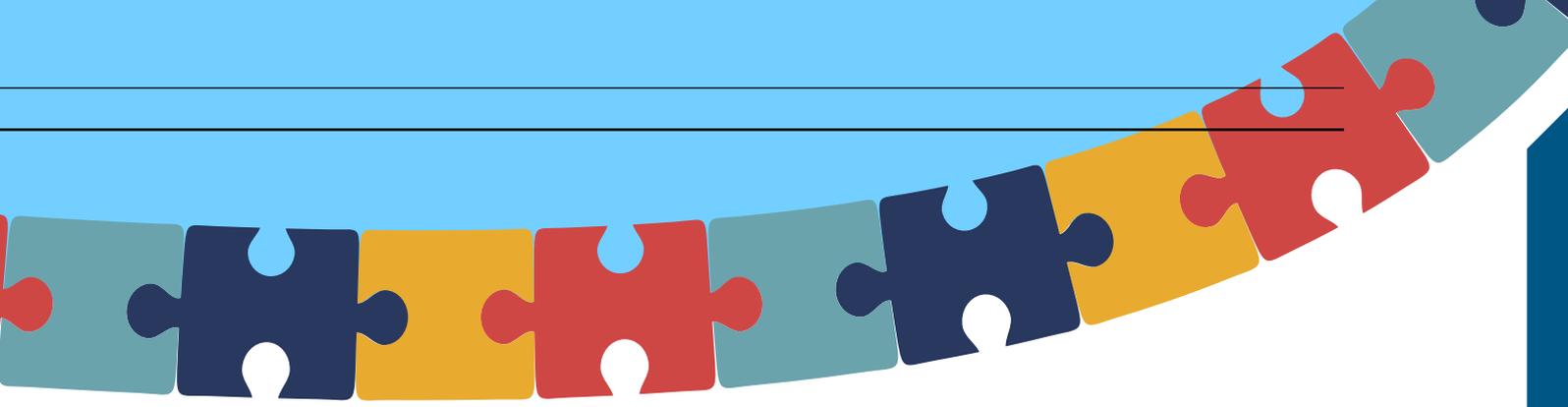
Fomos conversando por mais de uma hora interrompidamente e que mente maravilhosa, que forma de expressar suas ideias com brilho nos olhos. De lá para cá, nos mantivemos ligados e, ao ser convidada para esta escrita, me lembrei que ele tinha o que dizer, ele hoje tinha voz de quem sabia transmitir em palavras algo que o tinha engasgado por anos: se ver diferente, um menino homem "estranho" aos olhos dos outros, ditos normais.

O nome dele é Guilherme de Almeida, formado em Direito no início da década de 2000, trabalhou por anos no serviço público e no privado e fez seu mestrado na Unicamp. Hoje, em 2022, é aluno do doutorado na área de Educação na Unicamp, onde desenvolve pesquisa voltada para inclusão de pessoas neurodiversas no ensino superior. A neurodiversidade abrange autismo, dislexia,

discalculia, disgrafia, dispraxia, TDAH, síndrome de Tourette e sinestesia, por exemplo. Condições que acompanham o desenvolvimento ao longo de toda a vida das pessoas, mas nem sempre lembramos disso, como se aos 18 anos essas condições desaparecessem e deixassem de existir.

O autista que diz a que veio e que teve o diagnóstico como ponto de partida, não de chegada

Em 21 de julho de 2021 fundei o Coletivo Autista da Unicamp, mais do que um desejo pela inclusão, tratava-se de uma necessidade. Eu havia recebido o meu diagnóstico poucos meses antes e busquei na universidade orientação para me entender neste novo lugar de fala. Eu era um homem adulto, autista por toda minha vida, mas que apenas descobrira essa condição com quase 40 anos. Havia todo um universo para ressignificar,



até mesmo em razão da minha própria ignorância.

Foi nessa época que eu descobri que autistas não são apenas crianças fazendo movimentos pendulares ou gênios, incompreendidos e raivosos. Essa percepção errada e estereotipada era fruto do que as mídias e a indústria cinematográfica norte-americana retratavam como sendo o autismo “típico”, mas se há uma coisa que não somos é típico. Não seguimos um padrão e, bem da verdade, ninguém deveria ter que seguir, ser colocado em uma forma que não nos cabe é sempre uma tortura.

Nessa jornada, entender como o autismo havia afetado a minha vida era o início de um longo percurso que eu desbravaria no caminho pelo autoconhecimento. A deficiência que se relaciona ao autista de nível 1 (aquele que requer nível de suporte mais leve) se mostra de modo contundente no campo da comunicação e das relações. Se pensarmos

que boa parte de todo o desenvolvimento humano se dá pelas mediações humanas e sociais, percebemos o potencial altamente comprometedor de que a dificuldade em se relacionar representa. Me deparar com esta constatação foi definitivo em um movimento de compreensão da minha própria história e como motivação para que eu buscasse me aprofundar na teoria da inclusão dentro da escola e da universidade.

Foi surpreendente que dentre tantos grupos que comumente compõe um universo tão variado quanto a universidade pública (coletivos étnico-raciais, LGBTQIA+, feministas, etc), eu não encontrei nenhum que acolhesse pessoas que estavam na mesma condição que eu. Busquei encontrar outros grupos orientados para pessoas com deficiências, pois juridicamente o autismo equivale à deficiência, igualmente sem sucesso. Somente aí eu me dei conta de

que, sim, essas pessoas estavam na universidade, mas invisibilizadas pelo sistema que teimava em colocá-las em formas que não cabiam. Como se existisse um modelo de profissional, de ser humano, que deveria ser replicado.

Assim, finalizamos essa breve reflexão sobre uma educação que acolhe e escuta o sujeito que nos chega em sua neurodiversidade. O momento é de dar voz e vez para além de diagnósticos e leis: isso é direito e dever de todos nós. Do amor ninguém foge, experimentem, é a luz desse amor que convidamos a cada um de vocês a sentir e se debruçar nos próximos dias, meses e anos de suas instituições.

Autistas são pessoas... Hipertativos são pessoas... Professores são pessoas... mantenedores são pessoas... Escolas e universidades são pessoas... Assim, vamos reescrever juntos e juntas nossa educação do visível ao invisível ■